

José Antunes

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

A Invulgar cultura literária de Frei António de Lisboa¹

Resumo

Santo António de Lisboa, embora muito festejado e venerado como santo pelo povo, é, no entanto, menos conhecido como um homem de cultura literária invulgar e como um verdadeiro intelectual da Idade Média. Reveladora dessa cultura ímpar, é a sua obra escrita, cheia de beleza e densidade de pensamento, como nos testemunham os seus *Sermões*, autênticos tesouros da Literatura e da História. Vasta, profunda, extraordinária, a respeito da Sagrada Escritura. Ampla, variada e bem apropriada nas transcrições dos Padres da Igreja e dos Autores Clássicos. Impressionante, para o tempo, não apenas pelo conhecimento que revela das ciências naturais e das humanidades, mas igualmente pelo erudito discurso sobre noções jurídicas, como poder, Direito e Justiça.

Abstract

Fr. António of Lisbon, although a popular and venerated saint, is less well-known as a man with an exceptional literary culture and as a true scholar of the Middle Ages. His written works testify to his unparalleled culture; literary and historical masterpieces such as his *Sermons* are unique for their beautiful prose and profound thoughts. They are an in-depth and extraordinary view of the Holy Scriptures, as well as a remarkable example of diverse and appropriate citations of the Fathers of the Church and of Classical Authors. Similarly, his knowledge of the natural sciences and the humanities, as well as his erudite discourse on juridical concepts, such as power, Law and Justice, are impressive for his time.

Henrique Pinto Rema, exímio tradutor da obra monumental dos *Sermões Dominicais e Festivos*, editados em 1987 sob a feliz e bem merecida epígrafe

¹ O presente escrito é o texto integral da comunicação que proferimos durante a sessão solene de abertura da Exposição sobre Santo António, organizada pelo Exmo. Senhor Alfredo Bastos, no dia 10 de Junho, dia de Portugal, na ACM (Associação Cristã da Mocidade) de Coimbra e presidida pelo Exmo. Prof. Doutor Norberto Canha. Para sermos fiéis ao texto escrito, conservámos o estilo próprio da ocasião, mas que agora publicamos nesta homenagem, bem merecida, ao grande medievalista e amigo: Prof. Doutor José Marques.

Tesouros da Literatura e da História, sintetiza, na Introdução, a vida de Santo António de Lisboa, nos seguintes títulos: *o filho-família distinto, estudante-modelo, religioso consciente, pregador fulgurante, primeiro professor da Ordem, dirigente preocupado com os Frades, escritor de Sermões*. E por último, *a morte dum santo*, mas este inspirado, certamente, no pregão das crianças, as primeiras que fizeram correr a notícia por toda a gente, aos gritos: *morreu o padre santo!*²

Eis os traços, do percurso de um homem, desde 1190 a 1231, que morre por volta dos quarenta anos de idade.

Poderia escolher e parar, por momentos, apenas num título, cujo conteúdo me sensibilizou. Imaginem: *o estudante-modelo*.

É que a obra escrita, que Frei António de Lisboa nos legou, demonstra uma tão vasta cultura, que seria impossível possuí-la se não tivesse sido mesmo um verdadeiro estudante-modelo, tanto no mosteiro dos Cónegos Regrantes de S. Vicente de Fora, de Lisboa, onde permaneceu até aos 19 ou 20 anos, como no de Santa Cruz de Coimbra, donde se transferiu finalmente para a Ordem Franciscana, certamente depois de ordenado presbítero, entre os 25 e 30 anos.

Bons professores não lhe faltaram. Conhecem-se, com grande probabilidade, alguns dos mais insignes que então leccionavam nestes mosteiros e até na primeira escola da catedral de Lisboa, graças sobretudo aos trabalhos dos historiadores António Domingues de Sousa Costa e Fernando Félix³. Mas conhecem-se, igualmente, e com segurança, sobretudo depois das importantes investigações e publicações de António Cruz, Francisco da Gama Caeiro, Isaiás da Rosa Pereira, Aires do Nascimento, José Mattoso e outros, os *inventários* dos livros das importantes bibliotecas destes dois mosteiros, sobretudo desde 1207 a 1220, precisamente do tempo do jovem estudante Fernando de Bulhões.

Interessante: muitos dos livros que cita nos seus *Sermões* existiam nos referidos e notáveis mosteiros⁴.

Mas prefiro, embora sem me desprender do jovem estudante que largos anos aplicadamente ruminou as ciências no cenóbio de Coimbra, fixar-me apenas no *homem culto e o que pensava sobre o poder na sociedade do seu tempo*.

Por experiência, continuo convicto, que Sto. António ainda não é sobejamente conhecido como um homem de uma cultura literária invulgar e como um verdadeiro intelectual da Idade Média.

² Referimo-nos à ed. bilingue em dois vols.: *Tesouros da Literatura e da História. Santo António de Lisboa. Obras Completas. Sermões Dominicais e festivos*, Introd. trad. e notas de Henrique Pinto Rema, Porto, Lello & Irmão Editores, 1997, pp. XV-XXXIV. Sigla: *Sermões*.

³ Cf. *Sermões*, p. XIX.

⁴ A título de exemplo veja-se Francisco da Gama Caeiro, "Fontes Portuguesas da Formação cultural do Santo", in *Itinerarium - Revista quadrimestral da cultura*, Ano XXVII (1981), n.º 110-111, pp. 136 a 164.

Reveladora dessa cultura ímpar, é a sua obra escrita, agora acessível a todos, recheada de beleza e densidade de pensamento.

Vasta, profunda, extraordinária, a respeito da Sagrada Escritura.

Ampla, variada e bem apropriada nas transcrições dos textos dessas grandes colunas, dos primeiros sete séculos, que foram os Padres da Igreja.

Impressionante, para o tempo, em ciências naturais e em humanidades.

Permitam-me que exemplifique.

No âmbito da *Literatura erudita Portuguesa nos séculos XIII e XIV*, analisei com certo cuidado e comparei, além de muitos outros escritos de diferentes ramos do saber, duas obras da *Parenética Portuguesa: os Sermões* de S. António e os *406 Sermones* do dominicano Frei Paio de Coimbra, escritos por volta de 1240⁵.

São, de facto, dois grandes escritores portugueses, mas a diferença entre ambos é abissal.

Enquanto a primeira é um autêntico e encantador prado bíblico, ou melhor, uma “pradaria bíblica e moral”, como bem escreveu o insigne investigador jesuíta Mário Martins, a segunda abre apenas com um texto escriturístico, para seguidamente narrar, ponto por ponto, mas de uma maneira muito esquemática, a vida dos santos⁶.

Por curiosidade dei-me ao trabalho de verificar quais os Livros da Sagrada Escritura que eram citados e de contar as respectivas citações, servindo-me, então da edição do *Centro Studi Antoniani*, ed. Messagero-Padova, de 1979. E registei que o escritor cita na sua obra todos os Livros do Antigo Testamento, isto é, 46. E em maior número de citações, o *Génesis, Job, Salmos e Isaías*. Dos 150 *Salmos* são referidos 136, mas a maior parte destes em mais do que um versículo, pelo que as transcrições atingem para cima de 400. De *Isaías*, há referências de todos os 66 capítulos, com excepção apenas do cap. 39 e as citações ultrapassam as 415. Também os Livros do Novo Testamento são todos citados, exceptuando-se as Epístolas a *Filémon* e a 2^a e 3^a de S. João. O Evangelho de S. Lucas é citado para cima de 329 vezes, seguindo-se o de S. Mateus com 321, o de S. João com 228 e o de S. Marcos com 66.

⁵ Cf. José Antunes, *Cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV*, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra (tese de dout. policopiada), 1995, pp. 79-103. Sigla: Antunes, *Cultura erudita*. A leitura, transcrição e fixação do texto de toda a *Summa*, de Frei Paio de Coimbra, foi elaborada por Bernardino Fernando da Costa Marques, sob o título: *O Sermonário de Frei Paio de Coimbra. Edição e Interpretação da Estrutura e Formas de Pregação*, Porto, Fac. de Letras, 1994 (Tese de mestrado policopiada).

⁶ Cf. Mário Martins, “Sermonário de Frei Paio de Coimbra, do Cód. Alc. 5/CXXX”, in *Didaskalia* 3, 1973, 337-362; Id. *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa*, Lisboa, 1975.

É natural que ao lerem estes números pressintam que foi uma perda de tempo ou algo de supérfluo. Mas é curioso. Passados anos, quando Henrique Pinto Rema (para mim um dos maiores peritos da Obra Antoniana) publicou os *Sermões*, em edição bilingue, verifiquei que tinha caído em semelhante tentação. Para provar o relevo concedido pelo autor à *Sagrada Escritura*, contou 3.700 citações do Velho Testamento e mais de 2.400 do Novo⁷.

Porquê esta importância? Porque é da *Sagrada Escritura* que se gera a Teologia, a grande “senhora”, como o Santo lhe chamava, em oposição ao Direito e às ciências lucrativas, tidas por ele como simples *criadas* ou *servas*. Foi, essencialmente, por esta razão, que mereceu ser declarado Doutor Evangélico, por Pio XII, em 1946, através da bula *Exulta, Lusitania felix*⁸. Mas este acto solene não foi outra coisa senão a oficialização doutro gesto, altamente significativo, pronunciado há cerca de 800 anos, por outro pontífice, o Papa Gregório IX (1227-1241), que depois de ouvir a pregação de Frei António, exultou maravilhado, chamando-lhe: *Arca do Testamento, arsenal das Sagradas Escrituras!*

E que dizer sobre as fontes clássicas utilizadas pelo autor sagrado?

Para não me alongar, omito o impressionante número de obras dos autores clássicos, deixando pelo caminho as de Aristóteles, Cícero, Catão, Sócrates, Dioscórides, Donato, Eliano, Escríbónio, Euquério de Lião, Festo Solino, Filão de Alexandria, Tibulo, Sérvio, Publíbio Siro, Juvenal, Plínio o Antigo, Varrão, Séneca, Flávio Josefo, Horácio, Ovídio, Lucano e Terêncio⁹.

Causam igualmente admiração as inúmeras citações das obras dos Padres da Igreja e de outros autores cristãos que utiliza como fontes.

Ao lermos os textos, fica-se com a sensação que seguimos um guia que nos mostra, a cada passo, e com facilidade, a riqueza e a arte duma notável catedral do saber.

E para que não vejam nas minhas palavras qualquer exagero, não resisto em dizer que entre os autores cristãos, o mais invocado é Isidoro de Sevilha, através dos seus vários Livros, sobretudo das *Etimologias*, que aparecem citadas 417 vezes.

Mas, não são apenas a ciência teológica, bíblica e até filosófica que causam admiração. Os conhecimentos científicos que demonstra sobre *Botânica*, *Zoologia*, *Mineralogia* e *Anatomia*, parecem ultrapassar, de longe, o simples quadro das Artes Liberais, de então, do *Trivium* e do *Quadrivium*.

⁷ *Sermões*, pp. LXIV.

⁸ A bula *Exulta, Lusitania Felix* é um documento notável e está publicada, na íntegra, nos *Sermões*, ob.cit., pp. LXXXVII-XCI.

⁹ O estudo das fontes está bastante desenvolvido na importante obra do Centro Studi Antoniani de Padova, S. Antonii Patavini, *O. Min. Sermones Dominicales et Festivi*, Patavii, Ed. Messagero, 1979, assim como em *Sermões*, pp. LXIII-LXXI.

Parte quase sempre do étimo das palavras e do conhecimento da *História Natural*, cujas obras cita constantemente.

A sua Teologia é inseparável da Sagrada Escritura e do Evangelho do Universo, isto é, do grande Livro da Natureza. Todas as coisas lhe servem de contemplação para elevar e elevar-se à Transcendência Divina, mesmo as mais insignificantes, como o caso da simples hera.

Escutemos:

Diz o profeta que o Senhor feriu a hera e a secou. A hera, que nunca pode elevar-se às alturas, senão agarrada às árvores ou aos muros, significa o rico deste mundo que não pode salvar-se por si, mas pelas esmolas aos pobres porque só eles são os seus braços. Daí a palavra do Evangelho: Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade...¹⁰

Ao abordarmos, por último, o pensamento antoniano sobre o poder político e eclesiástico na sociedade do seu tempo, temos o ensejo de admirar, de igual modo, a sua cultura jurídica. Referimo-nos, essencialmente, a certas noções básicas de Justiça, Direito e Poder¹¹.

No campo do poder, duas são as faces que ressaltam no seu discurso oratório: uma de elevada grandeza, outra de severa condenação, sobretudo quando os seus detentores se identificam com os reis, príncipes e até com a própria autoridade eclesiástica.

Mas o melhor é ouvi-lo no primeiro Domingo do Advento.

E haverá grande matança na terra de Edom, isto é, nos clérigos que se mancharam com o sangue da luxúria e com a terra da pecúnia. E com eles cairão os unicórnios, os imperadores e reis deste mundo; e os touros, os bispos mitrados que têm na cabeça dois cornos como se fossem touros. Todos estes que não fizeram penitência dos pecados, cairão com os poderosos, que são os príncipes e potestades deste século, no inferno, lugar dos mortos!¹²

Cingindo-nos, agora, exclusivamente, ao poder eclesiástico, personificado concretamente nos prelados, os juízos condenatórios são tantos e tão severos que é difícil, senão impossível dar, numa breve síntese, uma imagem perfeita do pensamento do autor a este respeito.

Censura o orador, com veemência, todos os prelados simoníacos, onde a *simonia*, como diz, *escolheu o mais subido lugar*. Os hipócritas e perversos, *porque privados da luz da vida e da ciência, semelhantes aos cães mudos de que fala Isaías (56,9-12)*. *Os efeminados, os que andam fora da prelatura ou como ladrões e lobos dissipam a quinta do seu Senhor ou roubam os pobres. Os las-*

¹⁰ *Sermões*, pp. 1028-1033; I, 24-25.

¹¹ Sobre este tema cf. Martim Albuquerque, “Santo António, o Direito e o poder”, in *Itinerarium*, Ano XXVII, n.º 110-111, Maio-Dezembro, 1981, pp. 298-320. Cf. Antunes, *Cultura erudita*, pp. 79-101.

¹² *Sermões*, vol. II, pp. 439.

*civos, soberbos, petulantes, barrigudos... Enfim, os bem comidos...os inebriados, que fazem esperar muito tempo à sua porta os pobres de Cristo ... que lhes clamam esmola ... esquecendo-se do exemplo de Job, amendoeira que floresceu a seu tempo, que disse: Não neguei aos pobres o que queriam e não fiz esperar os olhos da viúva. Não comi sozinho o meu bocado...*¹³

No entanto, e apesar destas duras condenações, não significa que santo António não tivesse um elevado conceito do que devia ser um verdadeiro prelado. Ele conhecia bem a sociedade do seu tempo.

São, por isso, frequentes, os textos, onde enaltece as suas fundamentais qualidades, como: vida digna, ciência, fama, abundância da caridade, pureza, mansidão, justo, salvador dos pobres e pobre no meio das riquezas. Para ele os prelados são os bons pastores; as estrelas da Igreja que brilham pelo exemplo e pela palavra; a boa face de Cristo; os pés da Igreja que a devem sustentar, como os pés do corpo humano, debaixo dos quais devem ser colocados como esterco, todos os bens temporais. Os grandes amigos dos pobres a quem pertence tudo quanto possuem...Neles devem brilhar, enfim, os sete candelabros de ouro de que fala S. João: *pureza de vida, ciência da divina Escritura, eloquência da língua, perseverança de oração, misericórdia para com os pobres, disciplina para com os súbditos, cuidado solícito pelo povo que lhe foi confiado*¹⁴.

Em relação ao poder político, sobretudo quanto à sua natureza, finalidade e valores, também o erudito Franciscano parece ter ideias claras, como transparece no seguinte texto:

*Eis que o teu rei vem a tí, para tua utilidade... Manso, para ser amado. Não para ser temido pela potência... São duas as virtudes próprias dum rei: a justiça e a piedade. Assim o teu rei é justo, enquanto distribui a justiça a cada um segundo as suas obras*¹⁵.

Registemos, em primeiro lugar a importante concepção política de que um rei é colocado à frente do seu reino para *utilidade dos seus súbditos*, expressão que não anda longe do *bem comum*, devendo actuar e ter como padrão a virtude fundamental da *justiça*.

Noções estas que mais se aclaram com o texto seguinte: *A justiça é dar a cada um o que lhe pertence, depois de feito um juízo recto. É como que o estado do direito. É o hábito do ânimo de, guardado o bem comum, atribuir a cada um aquilo que merece*¹⁶. *As partes da justiça* (uma referência ao templo da Justiça)

¹³ *Sermões*, vol. II, pp. 853-854. Cf. Antunes, *Cultura erudita...* pp. 80-83.

¹⁴ *Sermões*, vol.I, pp. 329, 336, 337, 363, 422; vol. II, p. 795. Cf. Antunes, *Cultura erudita...* pp. 83-84.

¹⁵ *Sermões*, vol. I, pp. 262-263.

¹⁶ *Sermões*, vol. I, pp. 425-426.

*são temer a Deus, venerar a religião, a piedade, a humanidade, o amor do equitativo e do bom, o ódio do mal, o empenho de prestar um favor*¹⁷.

Do presente texto se infere que o fim essencial do “Estado medieval” é o de promover o bem comum mediante a realização da justiça. Onde *houver justiça reinará* o Direito. Um Direito que, obviamente não se afaste do Direito Divino e natural ou da justiça que só de Deus plena e perfeitamente irradia. Isto é, na lógica Antoniana, primeiramente, e antes do Direito, está a justiça, constituída na eternidade antes da criação do Universo e realizada no tempo¹⁸. No que está de acordo com o Direito Romano (Digesto 1.1.1.) que afirma, como princípio, que o Direito promana da Justiça. Uma concepção, aliás, que a *Glosa Ordinária* consagrou e sintetizou no célebre axioma: *prius fuit iustitia quam jus*. Que o mesmo é dizer, como também a mesma *Glosa* explicita, que a justiça é mãe e fonte do direito: *jus est ars boni et aequi...ergo iustitiam habet matrem*. O que equivale a frisar, como está escrito, que o Direito é *minister vel filius*, servo ou filho¹⁹.

Mas o pensamento Antoniano sobre o poder político vai mais longe.

No meu entender, também nele a justiça tem a primazia sobre a paz. Ao contrário da Época Moderna, na opinião de alguns tratadistas, em que a relação entre estes dois conceitos, era precisamente inversa, porquanto se defendia mais o primado da paz, identificada então politicamente com a ordem. A noção de justiça medieval implicava obviamente, o primado da ética ou da moral sobre a política. A paz não era apenas ausência de violência, mas sobretudo *concordia*. Porém, para que esta existisse, a ordem estabelecida devia ser justa.

Julgamos que é claramente esta concepção que preside e domina o pensamento antoniano, como passamos a provar.

Em primeiro lugar o autor dá-nos uma definição de paz. Encontramo-la no Sermão do IX Domingo depois de Pentecostes, onde se diz: *O que agora combate repousará na formosura da paz. A paz é a liberdade tranquila* (definição atribuída a Cícero e próxima de Santo Agostinho)²⁰.

¹⁷ *Sermões*, vol. I, pp. 425-426.

¹⁸ Cf. *Sermões*, I, pp., 476, 477.

¹⁹ Posteriormente desenvolveram esta mesma ideia juristas como Bartolo Sassoferrato (+1350) e Baldo Degli Ubaldi (+ 1400). O primeiro escreveu: *iustitia est prius quam jus, abstractio vel abstractum ante concretum*. Baldo, por sua vez afirmava: *iustitia creatoris fuit ab aeterno antequam orbis crearetur et formaretur* e ainda: (Iustitia in abstracto) *est mater et causa iuris* (cf. E. Kantorowicz, *Los dos cuerpos del rey*, Madrid, 1985, pp. 104, n.37; pp. 114-115, n. 69; Manuel Garcia Pelayo, *Del mito y de la razón...* pp. 68-69 e 98-99. Para um maior desenvolvimento veja-se Antunes, *Cultura erudita ...* pp. 88-90.

²⁰ Cf. *Sermões*, I, p. 426; S. Agostinho, *De diversis quaestionibus*, 31,1,PL., 40, 20. Cf. noções semelhantes em M. Túlio Cícero, *De inventione*, II, p. 159, citado, como Azo, *Summa Institutionum*, 1.1.por E. Kantorowicz, *ob.cit.*, p. 112, n. 59.

Trata-se, sem dúvida, duma transposição para a paz eterna, mas subjacente está a ideia jurídico-política de que a paz *é obra da justiça*. Escreve o orador:

A vossa modéstia seja conhecida de todos os homens. Chama-se modéstia por guardar modo em tudo. Nota que a modéstia consiste sobretudo na paz do espírito e na honestidade do corpo. Sobre isto escreveu Isaías: A paz será obra da justiça e o culto será o silêncio e a segurança sempiterna. A obra da justiça, a obra daqueles que pela graça já se encontram justificados, é a paz²¹.

Numa palavra: segundo o escritor sagrado, só haverá liberdade tranquila, paz, quando houver justiça.

Eis a boca de ouro de há 800 anos, que neste octogésimo quinto aniversário da ACM, por sinal dia de Portugal, ainda apreciamos e precisamos de ouvir. Dia de júbilo, onde encontram pleno sentido as palavras de Pio XII que intitulam a bula antoniana: *Exulta, Lusitania felix ! Exulta, ó feliz Lusitânia!*

²¹ *Sermões*, II, pp. 474-475, 480.